

Infidelidade Heterossexual e Relacionamentos Amorosos Contemporâneos

Thiago de Almeida¹

Resumo

O binômio “fidelidade-infidelidade” é atualmente foco de diversas pesquisas teóricas e empíricas. A relevância deste campo de estudos justifica-se porque a infidelidade é um fenômeno que perpassa a vida de muitos casais e famílias implicando prejuízos e sofrimento para eles, e desafios para os terapeutas, que lidam com demandas deste tipo. E, não é necessário estar envolvido em um casamento para se experimentar a infidelidade. Todos os tipos de relacionamento estão sujeitos a sua nefasta influência. Ainda pouco se sabe a respeito de quais os indivíduos são mais suscetíveis à infidelidade, ou mesmo, sobre os contextos que a promovem. Este artigo procura discorrer a respeito desse fenômeno tão difundido e que, concomitantemente, deixa tantas pessoas desamparadas de conhecimentos sobre este assunto.

Palavras-chave: Infidelidade; amor; relações homem-mulher; ciúme.

Heterossexual Infidelity and Contemporary Love Relationships

Abstract

The binomial “fidelity-infidelity” is presently the focus of several theoretical and empiric researches. The relevance of this field of studies is justified because infidelity is a phenomenon that is present in the life of couples and families implicating in damages and suffering for them, and challenges for the therapists, who work with demands of this kind. Yet, it is not necessary to be married to experience infidelity. All types of relationships are subject to its disastrous influence. Little is known about which individuals are more susceptible to infidelity, or even, which contexts may promote it.

¹ Psicólogo (CRP 06/75185). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e doutorando do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

This article tries to discuss this wide spread phenomenon that leaves so many people devoid of knowledge on the subject.

Keywords: *Infidelity; love; men-women relationships; jealousy.*

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Soneto de Fidelidade (Vinícius de Moraes)

Quando questionados, os homens que traíam afirmaram que amavam tanto suas esposas como suas amantes. Com as mulheres isso é um pouco diferente. Em geral, elas precisam de um motivo para trair, seja este o alcoolismo incurável do marido, as sucessivas tentativas fracassadas de se tornar bem sucedida profissional e financeiramente, a constante violência emocional a que é submetida ou pela simples vingança de uma infidelidade vivenciada. Para a mulher é bem mais fácil cair na armadilha do “amor romântico”, imaginando que aquele caso supriria todas as suas carências e, por isso, apaixonar-se pelo amante é quase inevitável (Pereira & Monteiro, 2001).

Segundo Tessari (2004), existe uma crença de que os homens trairiam mais do que as mulheres. Embora isso seja uma tendência, os homens aprendem desde pequenos que podem ter mais de um relacionamento e sentem-se, por isso, apoiados na verdade. A idealização da ‘mulher perfeita’ pelos homens e do ‘homem que as apóie e as ajude’, pelas mulheres (que geralmente costumam confundir casamento com felicidade), faz com que as pessoas reivindicem muito umas das outra, o que gera frustrações, e abre

caminho para a infidelidade. Nesse sentido, vários são os motivos pelos quais é excluída a possibilidade de aceitar o outro como ele é. Ao invés de tentar crescer com o(a) parceiro(a), algumas pessoas passam a acreditar que somente terão alegrias, emoções e crescimento fora do relacionamento.

Da descoberta da infidelidade

Reatrelando-se aos dados do cotidiano, a infidelidade é o principal elemento disruptor das famílias, a experiência provavelmente mais ojerizada e devastadora em um casamento. “É a justificava mais universalmente aceita para o divórcio” (Pittman, 1994, p. 15). De fato, para alguns casais, a infidelidade é o prelúdio de uma crise, divórcio, ou mesmo, de uma ruptura do casal constituído, qualquer que seja este. Etimologicamente, a palavra infidelidade remete à quebra da verdade (Lusterman, 1998). Também, etimologicamente do grego, ou mesmo do latim crise refere-se ao momento no qual o ser humano se encaminha para uma decisão, e, portanto, um momento crucial de sua existência. Certamente, quando um caso é descoberto, instala-se um momento crítico e há a necessidade de se saber que rumos as partes daquela díade vão tomar. Nesse ínterim, toda crise pode ser transformada numa oportunidade de crescimento. Algumas pessoas, acharão impossível conviver com aquela representação do relacionamento maculado pela infidelidade do(a) parceiro(a). Outros, a seu tempo, serão mais complacentes e recuperarão a confiança do parceiro, muitas vezes após provas sucessivas de sua fidelidade.

Maldonado (1995) nos pontua que as reações dos cônjuges traídos variam muito: algumas pessoas preferem não tomar conhecimento, outros se magoam, mas tentam conviver com a vida dupla do parceiro, outros partem para um esquema de traição e buscam também uma relação extraconjugal, por uma questão de vingança ou de igualdade.

Há também aqueles que procuram elaborar a dor da crise provocada pelo conhecimento da infidelidade do parceiro. Contudo, deve-se pensar em se realizar genuinamente ou o perdão ou a separação, cooptar pelos dois pode ser ensandecedor para todos os envolvidos. Assim, caso a parte infiel esteja de fato arrependida do seu engajamento com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) e queira voltar, esteja ciente de que o perdão possa levar algum tempo para ser recobrado e que não é ele(a) que deverá impor este tempo a(o) seu(sua) parceiro(a). A questão é: estará o ex-traidor disposto a esperar o ritmo da elaboração do parceiro?

Em geral, aqueles que traem costumam posicionar-se de todos os lados e ao mesmo tempo em nenhum. Provavelmente, no futuro, acabará

machucando todas as partes envolvidas e ficará sem nenhuma das partes que está tentando a todo o custo ficar no presente. Muitos relacionamentos, depois de um caso, podem tornar-se até mais satisfatórios e mais íntimos, quando há uma redefinição do contrato sob a premissa de que a confiança precisa se fundamentar em honestidade e comunicação honesta, não na fé cega. Dessa forma, um relacionamento amoroso pode sobreviver a uma traição, desde que ambos estejam empenhados em compreender as razões da experiência vivida, cada qual ao seu próprio tempo. Nem sempre isso é possível, e talvez leve mais tempo para os traídos do que para os traidores fazê-lo, mas convém tentar recuperar os fundamentos da relação quando de fato se acredita que há mais amor do que mentira neste relacionamento.

Para os parceiros traídos, se por um lado não há como esquecerem o fato acontecido, talvez, possam ter em mente, a seu tempo, de que não importa onde o(a) parceiro(a) tenha errado desde que estes compreendam onde querem acertar e, assim, favorecer a mudança dos parceiros infiéis. E então, podemos pensar em todos os tipos de possibilidades: haverá os relacionamentos amorosos infelizes que se manterão, bem como outros levemente falhos que se desfarão. O que endossa o pensamento dos autores Gottman e Silver (1998) que acreditam que os fatores que podem fazer um relacionamento dar certo ou se desintegrar estão longe de serem óbvios.

Quando há a confirmação da infidelidade, há um espectro muito variado de experiências emocionais que podem acontecer em função da perda do relacionamento pela parte traída. Parrott (1991) afirma que se a atenção recai sobre o erro e a infidelidade do parceiro, então predominará a mágoa e a raiva. No entanto, a depressão e a ansiedade se sobressaem mais quando a atenção recai sobre a inadequação pessoal do ciumento e, por fim, se a superioridade do rival é onde se concentra a atenção do ciumento, o sentimento mais expoente é a inveja.

Supondo que já tenha ocorrido a infidelidade, a pessoa que se sentiu enganada, traída, tem que passar, se ela achar ser digno, pela etapa do perdoar, e não necessariamente pelo esquecer. Se depois de tudo, o consenso foi a manutenção da união, a parte enganada deve procurar controlar suas reações de desconfiança que, no início da fase de reconciliação serão freqüentes devido à insegurança criada pela infidelidade. Será necessário um grande esforço para não aprisionar o(a) parceiro(a), tolhendo-lhe constantemente, apesar de que o receio da reincidência exista lá no fundo. Entretanto, estes medos deverão ser assumidos e comentados com franqueza pelo casal, pois são uma conseqüência lógica da infidelidade e se o que se busca é uma reconciliação verdadeira é preciso restaurar a cumplicidade mútua que ficou abalada pela traição.

A perda da atração pelo companheiro é uma causa muito citada pelas pessoas infiéis (Menezes, 2005). Algumas vezes, simplesmente o desejo sucumbe com a convivência. Outras vezes, a mulher ou o homem agora não são aqueles com os quais se casaram outrora, logo, o desejo vai se deteriorando, e as fantasias sexuais vão se multiplicando, até que um dia aparece uma terceira pessoa (Matarazzo, 2000). Segundo Bolsanello (2000), quanto maior a duração do casamento maior as possibilidades de desilusão. As origens do desapontamento são: excesso de trabalho, longas separações, conflitos emocionais, manias, longos silêncios, enfim uma série de fatores que levam ao inevitável tédio do dia-a-dia. Obviamente haverá aquelas pessoas que mesmo com muitos anos de relacionamento manterão viva a chama da paixão, do comprometimento e da fidelidade. Em suma, a infidelidade acarreta conseqüências para o casal e que não podem ser desconsiderados. Uma vez rompida a confiança é muito difícil a recuperação da mesma.

À guisa de uma conclusão

Até o presente momento há muitas dúvidas que pairam a respeito do que causa, ou mesmo, favoreça uma pessoa a ser infiel à outra lesando a confiança e o compromisso de exclusividade que se é esperado entre elas. Pode-se dizer para quem trai, instala-se um conflito tal que esta passa a confrontar as opções que tem e determina que uma destas seja boa e outra seja melhor. Assim, pode-se dizer que, em suma, na hora da traição o melhor costuma ser inimigo do bom, porque há uma fantasia de que o tudo que é do outro é valorativamente melhor do que o que nos pertence.

Há que se ter claro na mente: ninguém completa plenamente o outro. Tem que se aprender a lidar com essa falta e tentar desenvolver as características que julgamos importantes para nossos relacionamentos e que estão, possivelmente, latentes no outro. Segundo Burnham & Phelan (2002), a maioria das pessoas que comete infidelidade não está realmente querendo romper o casamento: mais da metade dos homens que já cometeram alguma traição dizem que têm um casamento feliz. É verdade que para um relacionamento fracassar ambos cooperaram para esta configuração, mas dizermos que o culpado por tudo é o traído seria atribuímos uma dor a mais além de todas as que ele já tem a que conviver.

Outra das razões para a infidelidade pode ser a busca da auto-afirmação. Quando homens e mulheres se sentem frustrados diante da sua incapacidade de se realizar e melhorar a relação conjugal buscam outros relacionamentos para mostrarem que são capazes de conquistar alguém, sentindo-se assim atraentes e desejáveis (Zampieri, 2004). A excessiva absorção no traba-

lho, segundo Matarazzo (2000), pode também levar a um envolvimento extraconjugal pelo fato de gerar um sentimento de rejeição ou de abandono no companheiro, o que gera a necessidade de se sentir aceito ou reconhecido.

Para Pereira e Monteiro (2001), as razões que levam as pessoas a terem casos são bem mais complexas do que se possa imaginar. Assim, se os parceiros satisfazem-se plenamente no aspecto sexual e, mesmo assim, um ou outro comete o adultério, esta necessidade não é apenas sexual e sim afetiva, sentimental, ou quem sabe esteja procurando alguém que os escute, ou apenas uma conquista esporádica que eleve sua auto-estima (Menezes, 2005).

Embora nos seja mais fácil pensar que quem trai não ama seu (sua) parceiro(a), este pensamento está muito longe da realidade. Para algumas pessoas a infidelidade é a resposta possível a uma situação de insatisfação que encontram dentro do relacionamento. Apesar de que represente uma saída condenável (de acordo com os referenciais dos parceiros que sofrem/sofreram com uma infidelidade), o início de uma relação infiel está mais próximo da incapacidade para resolver os problemas do casamento do que da falta de amor. Entretanto, nem todas as pessoas que se engajam em infidelidade são caracterizadas por terem uma paixão avassaladora pela terceira pessoa. A saturação e o desgaste no relacionamento podem abrir, ou não, espaço para a entrada de uma nova pessoa. Em caso afirmativo, a novidade da relação, baseada na sobrevalorização das qualidades e na subvalorização dos defeitos, confere o revigoramento ao que anteriormente parecia perdido, mas que pode, também, dar lugar a sentimentos de culpa fortíssimos. Assim, não existem quaisquer evidências científicas de que somente o amor e a satisfação entre os parceiros sejam suficientes para prever a estabilidade nos relacionamentos amorosos.

Referências

- Almeida, T. (2004) A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia*, 22(1), 15-22, jan./jun.
- Almeida, T. & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Eds.), *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*, vol.5, (pp. 99-105). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Almeida, T. (2007a). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia,

- Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, T. (2007b). *Ciúme e suas conseqüências para os relacionamentos amorosos*. Curitiba: Editora Certa.
- Belo, R. P. (2003). *A base social das relações de gênero: explicando o ciúme romântico através do sexismo ambivalente e dos valores humanos básicos*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Bolsanello, A. (2000). *Conselhos: análises do comportamento humano em psicologia*. Curitiba: Editora Educacional Brasileira.
- Burnham, T. & Phelan, J. (2002) *A culpa é da genética*. (V. M. Whately, trad.). Rio de Janeiro: Sextante.
- Drigotas, S. & Barta, W. (2001). The cheating heart: scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177-180.
- Garcia, M. L. T. & Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia Natal*, 8(1), 127-133.
- Gottman, J., & Silver, N. (1998). *Casamentos: Por que alguns dão certo e outros não* (T. B. dos Santos, trad.). São Paulo: Objetiva.
- Hintz, H. C. (2003). O ciúme no processo amoroso. *Pensando Famílias*, 5(5), 45-55.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In T. Féres-Carneiro (Ed.). *Casal e família: entre a tradição e transformação* (pp. 55-69). Rio de Janeiro: NAU.
- Larrañaga, I. (2000). *O casamento feliz: respostas para que o amor acorde de cara nova todas as manhãs*. (A. A. Machado, trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Lejarraga, A. L. (2005). Sobre a ternura, noção esquecida. *Interações*, 10(19), 87-102.
- Lemos, P. (1994). *Educação afetiva: porque as pessoas sofrem no amor* (8ª ed.). São Paulo: Lemos.
- Lillibridge, E. M. (1995). *O livro do amor: como construir um relacionamento saudável*. São Paulo: Natal.
- Lusterman, D. D. (1998). *Infidelity – a survival guide*. Oakland: New Harbinger Publications.
- Maldonado, M. T. (1995). *Casamento: término e reconstrução*. (5ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Matarazzo, M. H. (2000). *Amar é preciso: os caminhos para uma vida a dois*. São Paulo: Gente.
- Matarazzo, M. H. (2001). *Namorantes*. São Paulo: Mandarim.
- Menezes, G. B. (2005). *Infidelidade: fatores psicológicos e sociais na ocorrência da traição*. Trabalho de Conclusão do Curso, Faculdade de Psico-

- logia. Centro Universitário Luterano de Manaus – Manaus: ULBRA.
- Moraes, V. (1960). Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- Nicz, E. E. G. (1996). *Mulher traída: dor & renascimento*. São Paulo: Iglu.
- Parrott, W. G. (1991). The emotional experience of envy and jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 3-30). New York: Guilford Press.
- Pereira, A., & Monteiro, L. (2001). *Fidelidade conjugal faz mal?* (Coordenação Editorial: Adriana Murin).
- Pinheiro, D. (2004, out). *Revista Veja*, ed. 1875, 84-91.
- Priore, M. D. (2006). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição na intimidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, A. A., Mayor, A. S., Almeida, T., Rodrigues, A. G., Oliveira, L. M., & Martinez, M. (2005). Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. *Interação em Psicologia*, 9(2), 295-309.
- Solomon, R. C. (1992). *O amor: reinventando o romance em nossos dias*. São Paulo: Saraiva.
- Spring, J. A. (1996). *After the affair: healing the pain and rebuilding the trust when a partner has been unfaithful*. New York: Harper Collins.
- Tessari, O. I. (2004). *Traição/perdão*. Recuperado em 05 de nov. de 2004 do site <http://www.ajudaemocional.com>
- Viscott, D. (1996). *Eu te amo! E aí?* São Paulo: Summus.
- Weid, O. V-D. (2004). Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, 2(1), 49-59, 30 mar. 2004. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acessado em 15 de julho de 2006.
- Zampieri, A. M. F. (2004). *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade. Sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS*. São Paulo: Agora.

Endereço para correspondência

thalmeida@usp.br

Recebido em 14/05/2007

1ª revisão em 06/08/2007

2ª revisão em 25/10/2007

Aceito em 12/11/2007